

CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS SOFRIDAS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES ABRIGADOS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL

Cecília Dias de Paiva¹
Auriston Magalhães Vitor²

auristonmagalhaes@hotmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

Durante boa parte da história humana, crianças e adolescentes foram vistos como seres desprovidos de direitos, o que favoreceu uma cultura de abusos e negligência, com o abuso sexual sendo um dos crimes mais devastadores. Embora o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) tenha sido criado com o intuito de garantir a proteção e segurança dos menores, o abuso sexual ainda é uma realidade presente, com inúmeras ocorrências registradas a cada ano. Esse cenário revela a necessidade urgente de promover uma conscientização mais profunda sobre os direitos das crianças e os impactos devastadores desses abusos. O objetivo do estudo mencionado foi analisar os efeitos colaterais do abuso sexual em vítimas menores de idade, para entender melhor as consequências psíquicas e emocionais causadas por tais experiências traumáticas. A pesquisa teve caráter qualitativo e foi realizada por meio de observação em uma Casa de Acolhimento Institucional na Zona da Mata Mineira. Os resultados obtidos mostraram que as vítimas apresentaram uma gama de comportamentos e sintomas distintos, dependendo da intensidade e natureza do abuso sofrido. Alguns jovens demonstraram comportamentos sedutores e infantis, possivelmente como uma forma de reagir ou processar o trauma, enquanto outros manifestaram sinais típicos de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), como ansiedade, flashbacks e dificuldade para estabelecer relações afetivas. Essas variações evidenciam a complexidade do impacto do abuso sexual e a necessidade de tratamentos especializados para o acompanhamento dessas vítimas.

PALAVRAS-CHAVE: abuso sexual infanto-juvenil; casa de acolhimento institucional; consequências psicossociais.

1 INTRODUÇÃO

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) é um sistema público que coordena os serviços de assistência social no Brasil, promovendo a colaboração entre os três níveis de governo (municípios, estados e União) para a implementação e financiamento da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), e abrange os

¹Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Univértix.

² Psicólogo, Doutorando, Mestre em Ciências da Religião e Professor do Curso de Psicologia do Centro Universitário Univértix.

respetivos quadros regulamentares. Esse sistema desempenha um papel fundamental na promoção da inclusão social e na redução das desigualdades no Brasil, oferecendo apoio e assistência às famílias em situação de vulnerabilidade como idosos, crianças, pessoas com deficiência e outras populações em situação de risco social (Brasil, 2020).

O SUAS possui serviços de alta complexidade, e o Abrigo Institucional é um deles, responsável por oferecer acolhimento temporário para crianças e adolescentes afastados da família em casos de abandono ou cujo responsáveis se encontrem sem capacidade de oferecer cuidado e proteção, até que seja possível seu regresso à família biológica ou, não havendo essa possibilidade, até que seja reintegrado em uma família adotiva (Brasil, 2009).

A violência intrafamiliar, em suas diversas variações, caracteriza-se por sua natureza universal, a mesma pode ser encontrada em todas as camadas da sociedade, embora seja encontrada com mais frequência nas classes menos favorecidas, que estão mais suscetíveis à miséria, falta de oportunidades de emprego, entre outros. Essas variáveis favorecem a desproteção das famílias e conseqüentemente dos menores que as compõe (Azambuja e Ferreira, 2011).

De acordo com Brasil (2022), o abuso sexual é uma agressão que ocorre dentro e fora de casa, mas sem troca comercial, e o abusador pode ser um conhecido ou estranho. Ele utiliza vários artifícios para subjugar o menor, ignorando suas vontades e tratando-o como instrumento para sua própria satisfação sexual. Além disso, contém uma relação heterogênea de poder. A exploração sexual, por outro lado, ocorre quando o abuso é mediado pelo pagamento em dinheiro ou benefícios, por meio de tráfico para fins sexuais, turismo sexual, prostituição e pornografia.

O trabalho em questão justifica-se através de uma experiência de estágio do curso de psicologia realizada por meio de observação de serviços ofertados em uma instituição de acolhimento localizada na Zona da Mata Mineira.

Nossa hipótese para essa questão é que o abuso sexual gera conseqüências psicossociais em crianças e adolescentes, que são observados por terceiros em instituições, como em abrigos institucionais.

As conseqüências das situações de abuso sexual na infância implicam em fatores traumáticos, internos e externos, em curto, médio e longo prazos, e dependem de uma série de aspectos, tais como a idade da vítima, a

recorrência das situações abusivas, a complacência e a convivência familiares, as reações familiares após a revelação, agravadas quando implicam em desmentir a criança, denegação e permanência da situação abusiva, com o silêncio e o conluio familiares, sem contar uma possível falta de compromisso por parte de outros adultos do ambiente da criança, inclusive do sistema escolar e de saúde. Membros da família extensa podem conhecer a situação e preferir se calar para "não separar a família". (Prado e Pereira, 2008, p.279).

O objetivo deste trabalho é analisar os efeitos colaterais sofridos por menores de idade vítimas desse crime. De acordo com os autores Santos, Ponte e Silva (2021), crianças ou adolescentes vítimas de abuso podem manifestar comportamento promíscuo, disfunções sexuais, irregularidades no ciclo menstrual, imagem corporal negativa, comportamento autodestrutivo ou prejudicial para com os outros, baixa autoestima, sentimento de culpa, vergonha e traição, transtornos psiquiátricos e questões relacionadas à orientação sexual.

Trabalhos como este são importantes para conscientização da população acerca da gravidade do abuso sexual para o desenvolvimento infanto-juvenil, o que colabora para a implementação de políticas públicas com interesse de garantir à proteção e apoio aos mesmos. O mesmo também auxilia na identificação de sinais e comportamentos que adolescentes e crianças que podem sinalizar um possível abuso. Além disso, ajuda a garantir um atendimento e intervenção eficaz, afim de ajudá-los a superar o trauma e reconstruir suas vidas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Azambuja e Ferreira (2011), sempre houve presença de violência na vida das crianças e adolescentes, atribuindo-a a uma questão estrutural enraizada por séculos, que os marginalizou e desconsiderou em termos de direitos e proteção. No entanto, avanços surgiram com a Constituição de 1988 e a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, impulsionando a assistência do Estado diante da exposição dos direitos infantis, especialmente em casos de abuso físico, sexual, psicológico ou negligência.

Conforme Brasil (2002), a violência contra menores é pouco notificada. Um estudo ocorrido entre maio de 1997 e maio de 1998, coordenada pela Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente, com o intuito de detectar a violência envolvendo crianças de zero a quatorze anos, em Porto Alegre e na região metropolitana, identificou 1.754 casos, onde apenas 20% não aconteceram no interior das

residências. Os casos mais recorrentes envolviam crianças de até três anos e de nove a doze anos, entretanto, apenas 263 menores foram submetidos a algum tipo de tratamento.

“Nas estimativas encontradas na literatura internacional, 80% dos abusadores têm idade em torno de 40 anos, e 70% são homens. Crianças que vivem com apenas um dos pais têm cerca de 80% a mais de riscos de sofrerem maus-tratos e 2,2 vezes mais chances de terem sua educação negligenciada” (Brasil, 2002, p. 8).

Já o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), consta que em 2022 houve 73.024 mil casos de estupro, onde 40.659 dos casos se trata de vítimas de até treze anos, representando 61,4% de todos os estupros registrados em 2022. Com relação ao sexo, vale ressaltar que as meninas representam 86%, em contrapartida, os meninos representam 14% do total de vítimas. Com relação ao local, 72,2% dos casos ocorrem dentro de casa. Sendo um local estratégico, uma vez que 71,5% das vezes, o estupro é cometido por um familiar, sendo que 44,4% foram cometidos por pais ou padrastos; 7,4% por avós/avôs; 7,7% por tios; 3,8% por primos; 3,4 % por irmãos; e 4,8% por outros familiares. Em relação a cor/raça das vítimas, os dados de 2022 apontam que 56,8% de vítimas negras e 42,3% brancas, 0,5% indígenas e 0,4% amarelas.

O abuso sexual no ambiente familiar é marcado por uma dinâmica complexa, onde o agressor aproveita seu papel de cuidador e a confiança e o carinho da criança para iniciar o abuso de forma sutil. A criança muitas vezes não reconhece imediatamente o abuso e, quando o faz, o agressor recorre a ameaças e barganhas para manter o segredo. Esta revelação geralmente leva tempo e a criança sente-se vulnerável, culpada e com medo de revelar o abuso. A presença de outras formas de violência na família, como negligência e abuso físico e emocional, torna a situação ainda mais difícil de ser rompida. Essa convivência com o agressor no seio familiar pode causar fobias, atraso escolar, enurese e, posteriormente, gravidez na adolescência e tentativas de suicídio. O abuso sexual familiar é prejudicial tanto física como psicologicamente, com possíveis consequências devastadoras para a vida da vítima (Aguiar e Ferreira, 2020).

Em harmonia com Santos, Ponte e Silva (2021), o nível psicológico e emocional, a violência sexual pode desencadear o uso de substâncias entorpecentes, desencadear depressão, ansiedade, tendências suicidas, afetando negativamente a

autoimagem e a autoestima. Isto pode levar ao surgimento de comportamentos sexualizados, problemas de sono, sintomas psicóticos, manifestações de ansiedade, repetição de gestos, sentimento de rejeição, confusão, humilhação, vergonha e medo. No que diz respeito aos impactos comportamentais, destacam-se as alterações na alimentação, no processo de aprendizagem e no aumento incomum da frequência do banho. No contexto das relações interpessoais surgem dificuldades no estabelecimento de novas ligações sociais e emocionais, o que resulta em problemas de isolamento e socialização.

3 METODOLOGIA

O presente artigo trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa através do método de observação. De acordo com Martins (2004), a pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia o estudo de micro processos, a separação do trabalho em processos menores que, unidos, alcançam o todo, por meio da análise das ações sociais individuais e grupais, realizando uma observação aguçada dos dados. Ela depende do domínio teórico e metodológico do cientista social, refere-se ao trabalho que deve ser realizado com a aplicação da intuição, imaginação e experiência do pesquisador.

Pereira (2011) diz que sempre existe um motivo que leva o ser humano a observar as coisas, comparar objetos e assim formar opiniões. A observação é imprescindível para a ciência, assumindo diversas técnicas e formas. Todavia, é importante ser cuidadoso, porque as pessoas tendem a observar algumas coisas e ignorar outras. A observação é ativa e se sustenta por meio de questões e hipóteses. Trata-se de um método muito usado nas ciências sociais devido a seu alto grau de precisão.

Este estudo faz parte do cumprimento do estágio supervisionado do curso de Psicologia do Centro Universitário Univértix. A observação foi realizada em uma casa de acolhimento institucional localizada na Zona da Mata Mineira, totalizando 40h, oportunizando observação do funcionamento, atividades, público e demanda dos serviços ofertados.

A equipe da instituição é composta por uma coordenadora, uma assistente social, uma psicóloga social, uma educadora social e mais nove funcionários responsáveis pelos serviços gerais. No início do estágio, vinte e uma crianças e

adolescentes com idades que variam entre 0 a 18 anos incompletos moravam no local, entretanto, devido a diversos fatores, alguns foram desligados, sendo que ao fim do estágio haviam apenas quatorze abrigados. Maior parte dos menores são negros ou pardos, apresentam algum tipo de debilitação, como déficit intelectual. Além disso, duas outras características que a maioria tem em comum é o fato de que vieram de famílias com baixa renda e boa parte deles possui ao menos um irmão que também se encontra na instituição.

A residência é espaçosa e ao entrar pelo portão, nota-se uma pequena sala que interliga à direita a sala da Psicóloga Social e a esquerda a sala onde a Coordenadora e Assistente Social trabalham. À frente, existe um segundo portão, que fica constantemente trancado. Este dá acesso ao restante da casa, onde os abrigados ficam. Ao passar por ele, vê-se um grande corredor, à direita, existem dois quartos, onde as crianças pequenas e as adolescentes dormem e um dos quartos conta com um banheiro dentro. Além disso, um banheiro externo aos quartos onde as funcionárias guardam o estoque de produtos de higiene, este fica constantemente trancado também.

À esquerda, existem mais três cômodos: um quarto onde as lactantes e suas proles dormem, este possui um banheiro próprio; uma sala onde guardam o material escolar e fazem suas tarefas, ele também fica trancado quando não está sendo utilizado; e por fim, outro banheiro externo. Ao fim do corredor, encontra-se o local onde eles se alimentam e a cozinha, que possui uma porta que fica constantemente trancada e uma bancada dividindo os dois espaços, a parte de cima da bancada foi preenchida com barras de ferro, exceto uma pequena parte, onde a cozinheira passa os pratos de comida para os menores.

No mesmo ambiente onde eles se alimentam existe uma escada que leva ao andar de baixo, onde possui uma grande sala, que interliga ao quarto dos adolescentes, um banheiro, um cômodo onde guardam doações, que fica quase sempre trancada, e ao quintal, que possui alguns brinquedos, como um escorregador, uma casinha e plataforma para escalada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo a Coordenadora do local, o acolhimento institucional é considerado a última opção, quando os direitos dos menores já foram feridos, e outras instituições já

não conseguem mais resolver, sendo necessário a retirada temporária das crianças e adolescentes do núcleo familiar, seja pelos mais diversos motivos, como negligências, abandonos e abusos.

Infelizmente, algumas das crianças e adolescentes que estão acolhidos foram vítimas de violência sexual e suas consequências são observados no dia a dia da residência. Alguns dos exemplos é de um dos adolescentes que foi acolhido com menos de nove anos, o mesmo apresentava comportamentos e falas promíscuas e hiper sexualizados para a faixa etária, mesmo após vários anos e inúmeras melhoras, alguns hábitos persistem, como olhares e conversas maliciosas com as outras adolescentes, além de ter sido pego colocando a mão no órgão genital de um menino mais novo. Não se sabe ao certo como era a dinâmica familiar, contudo, seus próprios pais não quiseram recorrer à guarda após o acolhimento.

Outro adolescente, que possui déficit intelectual, foi abusado sexualmente e atualmente possui comportamentos extremamente sedutores com relação à adultos, não havendo distinção entre os sexos. Conforme explicado pela Coordenadora, o rapaz possui vários irmãos e enquanto morava com os pais, eles viviam vagando pelas ruas da cidade materna sem um adulto responsável por perto, os irmãos foram abrigados após inúmeras denúncias de negligência. Segundo o que foi observado e relatado pelas profissionais no local, ele costuma elogiar muito, tenta seduzir, quer e pede abraços com frequência, além de questionar homens e mulheres a respeito dos parceiros deles, em contrapartida, ele também tem comportamentos infantis em muitos momentos, reclamando e se aborrecendo quando não recebe atenção. Devido a estes comportamentos, ele é corrigido com frequência.

Como aponta Prado e Pereira (2008), a exposição prematura a contextos sexuais, especialmente quando uma criança não está preparada, pode resultar em comportamentos excessivamente sedutores, práticas de masturbação compulsiva, repetição de brincadeiras com conotação sexual e manifestações de comportamento desadaptado. Isso pode incluir o uso da sexualidade de maneira manipulativa ou em busca de ganhos, chegando até mesmo à prostituição.

Uma menor foi acolhida após ter sido sequestrada e mantida em cárcere junto à mãe por um parceiro romântico da mesma. A jovem teve de se submeter a relações sexuais forçadas com o sequestrador, além disso, as duas sofreram humilhações, ameaças e agressões. A mãe já possuía um grande histórico de se envolver com

homens de índole questionável, colocando em risco a segurança de seus filhos, todavia, nunca chegou a este ponto. Após resgatada, sua mãe foi encaminhada para um hospital, não foram citados detalhes do estado em que foram encontradas, mas, segundo relatos, o rosto da genitora estava desfigurado. A jovem foi enviada ao abrigo, a mesma passou por um curto período sem ter notícias da mãe, a quem tem um vínculo muito próximo. Neste período, ela negava para todos que havia sido maltratada e abusada, temendo pela vida da mãe, também não conseguia se alimentar adequadamente e vomitava com frequência. Depois de ser notificada de que ela estava bem, segura e que o homem quem fez sua vida um inferno está preso, a jovem diminuiu sua postura defensiva, mostrando seu lado doce e carinhoso. Entretanto, a mesma desenvolveu crises de pânico, taquicardia, ataques de choro e outros sintomas característicos de Transtorno de Estresse Pós Traumático, como foi apontado pela Psicóloga Social.

Afirma Ribeiro *et al.* (2018), que abuso sexual podem apresentar diversos transtornos psicopatológicos, sendo o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) um deles. Esse transtorno é caracterizado pelo surgimento de sintomas de intenso medo, horror ou impotência após a exposição a eventos traumáticos. A vítima, além disso, pode demonstrar comportamento agitado ou desorganizado, frequentemente experimentando sonhos angustiantes e episódios que tenham alguma relação com o evento.

Mesmo depois de viverem situações absurdas, algumas crianças e adolescentes ainda querem voltar para suas famílias e se sentem culpados por estarem longe deles, por mais que as funcionárias expliquem que o ambiente em que eles estavam inseridos não era adequado, eles ainda sentem saudade de casa.

A ocorrência de sentimento de culpa é frequentemente observada em crianças vítimas de abuso sexual, representando um dos impactos emocionais mais sérios decorrentes dessa interação abusiva, especialmente quando se trata de abuso incestuoso prolongado. Além do sentimento de culpa, há o prejuízo adicional da estigmatização, resultante das acusações por parte dos pais e da família (Furniss, 1993).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar por meio do estágio que o abuso sexual afeta as crianças e adolescentes em diversos aspectos da vida, tanto físico quanto emocional. A instituição possui uma excelente estrutura e uma equipe técnica competente, que permite um cuidado adequado para eles, que já passaram por muitas experiências traumáticas.

Um dos maiores desafios foi a criação de um laço de confiança com alguns deles, que eram mais reservados. Entretanto, após poucos encontros, os mesmos já se mostraram mais receptivos. Vale ressaltar que por mais que eles tenham vivido tais atrocidades, boa parte desses garotos e garotas tinham convívios familiares turbulentos e com histórico de evasão escolar, fazendo com que alguns deles tenham certa dificuldade em se expressar e de reconhecer as próprias emoções, o que acaba dificultando um pouco o trabalho das profissionais.

O estágio promoveu uma nova percepção a respeito das casas de acolhimento institucional e sobre relações familiares, como se uma névoa houvesse desaparecido. Ao longo desse período, as observações e relatos revelaram uma gama de emoções, com destaque para a raiva, tristeza e revolta. Os abusos identificados predominaram como resultado da negligência familiar, envolvendo figuras que, teoricamente, deveriam oferecer proteção, amor e afeto. No entanto, a realidade dessas relações se traduziu em medo, traumas e insegurança. Esses menores em sua maioria vieram de camadas mais pobres da sociedade, pertencendo a grupos étnicos pardos ou negros e possuem um grande histórico de denúncias que demoraram a ser atendidas, foram vítimas de negligências não apenas dos genitores, mas também do Estado.

A vivência no estágio ressaltou que o abuso sexual exerce impactos profundamente negativos no desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes. Os efeitos desse tipo de violência refletiram-se em comportamentos anômalos para suas respectivas idades, como expressões, diálogos e gestos de natureza maliciosa, além de tentativas generalizadas de sedução. Adicionalmente, observou-se o surgimento de transtornos, com destaque para o Transtorno de Estresse Pós-Traumático, evidenciando a extensão dos danos psicológicos causados por tais experiências. Este cenário reforça a urgência de medidas preventivas e de apoio psicossocial efetivo para a recuperação desses jovens, visando não apenas à reparação de danos, mas à construção de um ambiente seguro e acolhedor para o desenvolvimento saudável de suas vidas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, E. V.; FERREIRA, C. A. L. **Violência sexual contra crianças e adolescentes e suas consequências psicológicas, cognitivas e emocionais: Revisão integrativa de literatura.** Psicologia e Saúde em debate. 2020. Disponível em: <https://www.psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/V6N2A6> . Acesso em: 29 out. 2023.

AZAMBUJA, M. R. F.; FERREIRA, M. H. M. **Violência sexual contra crianças e adolescentes.** 1º Edição. Porto Alegre: Artmed.2011.

BRASIL. “**O que é?**” **Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania.** 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/maio-laranja/o-que-e> . Acesso em: 23 set. 2023.

BRASIL. “**O que é**”. **Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome.** 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/assistencia-social/servicos-e-programas-1/o-que-e> . Acesso em: 19 set. 2023.

BRASIL. **Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes.** 2º Edição. Brasília. 2009. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-acolhimento.pdf. Acesso em: 23 set. 2023.

BRASIL. **Violência Intrafamiliar: Orientações para a Prática em Serviço.** Ministério da Saúde. Brasília. 2002. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf . Acesso em: 11 nov. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf> . Acesso em: 11 nov. 2023.

FURNISS, T. **Abuso sexual da criança: Uma abordagem multidisciplinar - Manejo, terapia e intervenção legal integrados.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia Qualitativa de Pesquisa. **Educ. Pesqui**, v.30, n.2, Ago 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?lang=pt> . Acesso em: 19 set. 2023.

PRADO, M. DO C. C. DE A.; PEREIRA, A. C. C. Violências sexuais: incesto, estupro e negligência familiar. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 25, n. 2, p. 277–291, abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/9rvfMnkKFxkwPQnNGSrX9wd/?lang=pt#> . Acesso em: 11 nov. 2023.

PEREIRA, T. K. **Método da Observação**: reflexões acerca de seu uso e formas de aplicação. Academia.edu. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/4914317/M%C3%A9todo_da_Observa%C3%A7%C3%A3o_reflex%C3%B5es_acerca_de_seu_uso_e_formas_de_aplica%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 26 set. 2023.

RIBEIRO, C. H. *et al.* Transtorno de estresse pós-traumático em vítimas de abuso sexual na infância. **Humanas Sociais & Aplicadas**, v. 8, n. 22. 2018. Disponível em: https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/1660. Acesso em: 15 nov. 2023.

SANTOS, G. R.; PONTE, A. S.; SILVA, T. F. Abuso sexual infantil: impacto no comportamento da criança e perspectivas para a Terapia Ocupacional. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, vol. 2, Sup., p. 820-831, 2021. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4979/497971651013/html/>. Acesso em: 30 out. 2023.